

# Força Ou Constituição?

Raul PILLA

(Para os "Diários Associados")

Honrou-me o ilustre jornalista, sr. Osvaldo Chateaubriand, com um artigo, em que comenta e critica a missão por mim tomada desde que, em fevereiro do ano passado, se reuniu a Assembléa Nacional Constituinte. Atribuiu-me êle muito mais do que tenho e mereço; mas, se por êste lado foi injusto, injusto foi também, por outro, fômando por estreito fanatismo o que é, somente, convicção racional, científica e ponderada.

Enganado está o brilhante escritor quando imagina que a solução de todos os problemas coletivos a reduzo eu à implantação do regime parlamentar em nosso País e suponho que, feita a reforma, tudo começaria a andar otimamente. Se preconizo a substituição do nosso grosseiro mecanismo político por outro, que reputo muito melhor, não ignoro, nem poderia ignorar o papel dos homens que o hão de mover e dirigir. Mas os homens são o que são e só mui lentamente poderão melhorar, ao passo que as instituições políticas, essas mais fácil é modificá-las e adaptá-las aos homens que temos. A reforma parlamentarista só nos dará um instrumento, nada mais que um admirável instrumento político para a solução democrática dos grandes problemas de toda ordem, que ninguém pode desconhecer e ela, por si só, não poderia resolver.

Deixou-se impressionar o jornalista pela intensidade da campanha que eu e outros parlamentares e publicistas vimos fazendo, há mais de ano. Mas é simples questão de oportunidade. Quando, com efeito, senão ao elaborar-se, primeiro, a Constituição Federal e ao se elaborarem, agora, as Constituições Estaduais, seria mais oportuno o tempo para apresentar, discutir e resolver a questão de regime político?

Note o meu benévolo e, mais do que isto, generoso censor que, se fui sempre parlamentarista convicto, somente agora foi que participei de uma campanha parlamentarista. Por quê? Porque somente agora se apresentou a oportunidade de fazê-lo e porque tal gravidade assumiu o problema institucional da democracia brasileira, que não mais é possível contemporizar. Antes, outros haviam sido os objetivos imediatos da minha atividade política; por exemplo, o voto secreto, que ao meu partido demandou até revoluções; a reforma tributária; o combate aos monopólios exercidos pelos chamados institutos de produção. Tendo já a base de toda democracia — o voto — cumpre agora erigir o **edifício sobre os fundamentos tão laboriosamente estabelecidos.**

Creio esteja começando a perceber o sr. Osvaldo Chateaubriand que, em vez da idéia fixa de um alucinado, é uma concepção coerente e racional a que me conduz: a consecução de um mecanismo político capaz de levar-nos democraticamente à solução dos grandes e apremiantes problemas nacionais.

Nesta virtude dos regimes políticos não creio, porém, o meu ilustre crítico. E lembra um ino-

minado sociólogo francês, segundo o qual não são as instituições que fazem o valor das almas, mas as qualidades das almas que fazem as instituições.

Não sou sociólogo, nem a mim a alma pretensão tenho a semelhante título, mas posso afirmar que, se as instituições não fazem as almas, as almas reagem diversamente, segundo o ambiente e

(Continúa na 7ª Pg.)